

A representação da mulata no imaginário social cubano

Giselle dos Anjos Santos¹

Resumo: a sociedade cubana constituiu-se sobre bases estruturais hierárquicas, os sistemas de opressão de gênero, classe e raça fundamentaram a dinâmica das relações de poder. As mulatas, alvos da intersecção dos sistemas combinados de opressão de gênero e raça, ocuparam historicamente uma posição marginalizada no imaginário social. Tal posicionamento conferiu grande invisibilidade para o grupo na produção literária cubana. Contudo, quando as personagens de mulatas foram representadas na literatura ao longo da história foram construídas representações estereotipadas que as hipersexualizaram. Neste sentido, visio discutir por meio de uma análise histórica quais foram as representações sociais atribuídas à figura da mulata na produção literária do contexto da crise econômica do período especial.

Palavras-chave: mulata; Cuba; representação; literatura; imaginário social

The representation of the Cuban mulatto social imaginary

Abstract: Cuban society was built over a hierarchical structural basis, the oppression systems of gender, class and race have based the dynamics of power relations. The mulatto women, target of the intersection of the combination of gender and racial oppression systems, historically have occupied a marginalized position in the social imaginary. This position gave a large invisibility to the group in the Cuban literary production. However, when the mulatto women characters were represented in literature throughout history, stereotypical and hypersexualized representations were built about them. In this sense, I aim to discuss through a historical analysis, the social representations of mulatto woman in the literary production of the context of the economic crisis of the Special Period.

Keywords: mulatto woman; Cuba; representation; literature; social imaginary

Artigo recebido em: 20/02/2016

Artigo aprovado para publicação em: 08/05/2016

¹ Graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia (PPGNEIM – UFBA). Email: santos.gisellea@gmail.com



Introdução

Este artigo tem como objetivo debater como foi construída historicamente a representação da figura da mulata na sociedade cubana. A partir da análise das representações sociais atribuídas a este grupo na produção literária durante o período especial, almejo refletir sobre o caráter estereotipado conferido as mulatas no imaginário social cubano.

A discussão acerca da imagem das mulatas se constrói em diálogo com a perspectiva da nova história cultural. Para Roger Chartier (1988), essa vertente historiográfica “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler”. (CHARTIER, 1988, p. 16-17)

Por isto, a utilização da literatura como documento analítico caracteriza-se como um dos traços marcantes da nova história cultural. Ao analisar o tempo da escrita, historiadoras e historiadores podem vir a interpretar indícios sobre o local social e o contexto histórico onde a obra em questão foi produzida. Assim, o texto literário efetiva-se como um importante veículo para resgatar as motivações, sensibilidades e representações de uma época por meio da narrativa construída por seus autores. Segundo Sandra Pesavento (2008, p. 84), o emprego deste tipo de fonte de análise desloca a atenção do(a) historiador(a) da veracidade para a verossimilhança, e desta forma, coloca em questão os efeitos do real e de verdade que uma determinada narrativa histórica pode produzir.

De acordo com o historiador Abel Sierra Madero (2006, p. 16), a literatura e a produção cultural, de modo geral, constituem-se como importantes ferramentas para a reflexão sobre os fenômenos sociais no contexto cubano. Pois, é por meio do discurso artístico ou ficcional que a crítica social pode emergir nesta sociedade onde existem restrições estruturais para a construção de discursos plurais ou discordantes².

² Segundo o historiador Rafael Rojas (2009, p. 12), desde 1959, escritores, artistas e acadêmicos que se opuseram publicamente aos direcionamentos políticos do governo, dentro da ilha ou desde o exílio, foram catalogados como intelectuais “*não-cubanos*” e “*anti-cubanos*”. Ou seja, esses intelectuais passaram a ser rotulados como inimigos da sociedade, sem abertura para a divulgação e o debate público de seus trabalhos.

Neste sentido, considerando a relevância da literatura como referência para análise da imagem da mulata será utilizada a categoria de representações sociais formulada por Chartier (1988), que a entende como figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, ao permitir ver uma coisa ausente. As representações do mundo social são construídas por meio de disputas de poder e de dominação que almejam constituir a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, mas são sempre formuladas de acordo com os interesses dos grupos que as forjam.

Segundo a definição de Chartier (1988), fica evidente que a representação também diz respeito ao campo dos estereótipos. A este respeito, Ella Shohat e Robert Stam (2006, p. 269), afirmam que mesmo que a atribuição de representações negativas provoque mal-estar em todos os grupos sociais, não exercem suas consequências de forma homogênea. Pois, quando figuras simbólicas contraproducentes são arrogadas a certas comunidades podem fazer o grupo-alvo sentir-se apenas desconfortável se a comunidade em questão possui poder social para se articular com a finalidade de combater e resistir às atribuições pejorativas. Já as representações atribuídas a determinadas comunidades constituem-se em estereótipos e políticas sociais de exclusão que podem induzir a práticas de violência que conferem riscos à vida de seus integrantes. Desta forma, segundo os autores, a questão central em torno dos estereótipos relaciona-se com o fato de que os grupos historicamente marginalizados não possuem controle sobre suas próprias representações na esfera social.

Ou seja, o campo das representações está intrinsecamente ligado à discussão sobre os estereótipos. Pesavento (1995) ao debater o conceito de representação também traça articulação com a categoria de imaginário social e afirma: “O imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade” (PESAVENTO, 1995, p. 15). Em estudo específico sobre esta categoria, o historiador Bronislaw Baczko (1985) defende que ao mesmo tempo em que o imaginário social torna-se local dos conflitos sociais, ele é objeto de disputas, pois o manusear de símbolos através de elementos discursivos e empíricos é fundamental para a transformação de imaginários sociais que justifiquem ações e embates políticos, tais como as revoluções, corroborando a legitimação do grupo em exercício no poder (BACZKO, 1985).

Desse modo, tanto a categoria de representação (CHARTIER, 1988), estereótipo (SHOHAT; STAM, 2006), como a de imaginário social (BACZKO, 1985) serão relevantes para



problematizar e discutir os usos e os desusos da figura da mulata em Cuba, considerando as disputas forjadas pelos sistemas de poder de gênero e raça instituídos nesta sociedade.

No que tange ao debate acerca da categoria analítica de gênero, partilho das considerações de Joan Scott (1995) que a compreende como um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças sexuais, instituindo-se como uma forma primária das relações significantes de poder.

Já no que diz respeito à categoria raça, partilho da definição conceitual de Michel Wieviorka (2007) que não a compreende a partir de uma noção biológica, mas como um construto histórico-social que legitimou práticas de subordinação de diferentes grupos sociais por meio da hierarquização de características fenotípicas. Assim, embora a raça não exista em termos biológicos, ela está presente no imaginário e organiza as relações sociais a partir de classificações assimétricas de comunidades e indivíduos.

Neste sentido, saliento que a categoria “mulata(o)” será empregada neste artigo mesmo com o entendimento sobre o seu significado etimológico pejorativo³ que denota as hierarquias raciais instituídas no contexto colonial por meio da lógica da pigmentocracia⁴. A mesma será utilizada, pois, ao considerar as especificidades históricas da sociedade cubana e buscar respeitar as classificações raciais vigentes, seria difícil ignorar esta terminologia.

A complexidade tangencia a história das mulatas na diáspora, pois, como defende Verena Stolcke (1991), gênero e raça foram articulados historicamente para edificar e perpetuar a sociedade de classes, uma vez que ambos os sistemas partem da mesma estrutura e procedimento ideológico: a naturalização⁵. Desta forma, para compreender como se edificam e se entrecruzam as diferentes dimensões da opressão de gênero e raça no contexto estudado,

³ O termo mulata(o) possui um sentido etimológico pejorativo, pois deriva de mula, ou seja, o produto do cruzamento entre a égua e o jumento ou o cavalo e o burro. Estas relações geram um animal estéril, a mula.

⁴ O antropólogo José Jorge de Carvalho (2013, p. 5) aponta que a pigmentocracia se constitui como um sistema hierárquico de classificação racial, pois “quanto mais se intensificou o colonialismo europeu nos demais continentes do mundo, mais intenso foi ficando o racismo dos brancos contra os não-brancos. O imaginário racista que nos interpela terminou por estabilizar uma hierarquia dos seres humanos que colocou no topo da pirâmide os homens brancos, de pele clara, olhos preferencialmente claros e cabelos preferencialmente loiros. Em cada região do mundo dominada pelos europeus (e, no século XX, também pelos Estados Unidos), foi gerada uma pigmentocracia entre os não brancos: quanto mais claros (ou menos escuros) de pele, menos discriminados; e, quanto mais escuros, mais facilmente situados na parte inferior da hierarquia dos seres humanos e, portanto, mais discriminados, excluídos e passíveis de serem eliminados da face da terra.”

⁵ As diferenças fenotípicas, no caso da população negra, e as diferenças sexuais, no caso das mulheres, foram utilizadas enquanto desigualdades inerentes a esses grupos em comparação ao grupo que foi instituído na posição de parâmetro da humanidade: homens brancos, heterossexuais e proprietários.



utiliza-se como referência o conceito de interseccionalidade, que “busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (CRENSHAW, 2002, p. 177). Ou seja, o conceito de interseccionalidade recusa perspectivas de análise aritméticas, visando compreender como a articulação entre diferentes formas de opressão particulariza e torna mais complexo o modo pelo qual determinados grupos sociais vivenciam a desigualdade.

Portanto, ao buscar relacionar a construção discursiva⁶ do social e a construção social dos discursos (Chartier, 2002), almejo refletir por meio da análise de fontes literárias quais são as representações de gênero e raça atribuídas à figura das mulatas na sociedade cubana durante o período especial.

A representação histórica da figura da mulata no imaginário social cubano.

Para Édouard Glissant (2010, p. 218), o Caribe, tal como outras partes do Terceiro Mundo, possui uma história baseada na dinâmica de encontros e desencontros motivados por três necessidades: a luta de classes; o surgimento ou a construção da nação e a busca da identidade nacional. O processo histórico cubano não se difere das outras Antilhas neste aspecto. Seria possível acrescentar ainda que a intersecção dos sistemas de gênero e raça tangenciaram a construção das relações de poder dessas três problemáticas, seja em Cuba ou nas outras ilhas.

Pois foi por meio da interseccionalidade dos marcadores de gênero, classe e raça que se construíram os parâmetros do sistema colonial-escravista (STOLCKE, 1991). O trabalho escravo se constituiu como a força motriz para a economia da então colônia espanhola. Cuba teve um dos sistemas escravistas mais importantes do século XIX⁷, visto que a partir de 1817 a

⁶ O termo discurso é compreendido aqui dentro da acepção proposta pelo filósofo Michel Foucault (1999), como um arquivo de imagens e afirmações que forjam uma linguagem comum, possibilitando representar sentidos e conhecimentos sobre um determinado tema.

⁷ Após a revolução e independência da vizinha ilha do Haiti – em 1792 e 1804 respectivamente – principal produtora de açúcar no mundo, ocorreu o auge da indústria açucareira cubana entre 1790 e 1820. Durante o século XIX, Cuba produzia um terço do açúcar consumido no mundo e representava um dos sistemas escravistas mais importantes do período.

população negra passou a ser numericamente superior à população branca da ilha⁸. A elite cubana temia que o país se transformasse em “outro Haiti”⁹, assim ideias que propagavam o “miedo al negro” foram disseminadas em inúmeros discursos que povoaram o imaginário da época.¹⁰

Além do crescimento numérico da população negra, o século XIX também foi marcado pelas lutas de independência política de Cuba frente à Espanha.¹¹ As disputas políticas encenadas neste período provocaram intensos debates entre os representantes da elite colonial, sobre a construção de um projeto nacional para a sociedade cubana, assim como foram fervorosamente discutidos os impactos do fim do trabalho escravo.

Em concordância com projetos políticos articulados em outros contextos latino-americanos e caribenhos que visavam o branqueamento da nação, foram veiculados discursos em defesa da eliminação completa da população negra após a abolição da escravidão em Cuba. Esta ideia, motivada pelo “miedo al negro”, foi amplamente difundida na ilha por ideólogos como José Antonio Saco, Betancourt Cisneros, entre outros. Já o economista e ideólogo Francisco de Arango y Parreño, diferentemente da proposta de banimento, defendeu o incentivo da imigração europeia e da miscigenação como uma estratégia efetiva para apagar a trágica memória da escravidão com

la fundación de colonias en parajes a propósito, compuestas, por mitad, de labradores traídos en derecho de Europa, y de gente de color honradas, cuidando de que todas las hembras fuesen de la última especie, y estableciendo de hecho la mayor igualdad en los colonos. (ARANGO *apud* CEPERO, 2005, p. 150)

8 Existia uma parcela significativa da população negra liberta nos centros urbanos durante as primeiras décadas do século XIX. Na cidade de La Habana, 23% da população urbana era composta por negros livres entre 1830-1840. Deste percentual, pouco mais da metade eram de mulheres que trabalhavam fora de casa. (MENA, 2007, p. 75)

9 Os ecos da revolução haitiana foram propagados por todas as Américas e o Caribe, impulsionando o temor das elites coloniais, em diferentes territórios, de que as rebeliões escravas se disseminassem no interior dos sistemas escravistas, já que, durante a revolução haitiana, os brancos foram alvo de retaliações dos africanos e seus descendentes devido às condições subumanas e a extrema violência à que os últimos haviam sido submetidos por séculos.

10 Devido ao grande imaginário de “miedo al negro”, as tentativas de rebeliões escravas foram rigorosamente combatidas em Cuba antes mesmo de eclodirem, como ocorreu na Conspiración de Aponte em 1812 e na Conspiración de la Escalera em 1844.

11 Ocorreram três guerras contra o poderio espanhol durante o século XIX: a Guerra dos Dez Anos entre 1868-1878, a Guerra Chiquita entre 1879-1880 e o terceiro conflito entre 1895-1898.



Portanto, o projeto político proposto por Arango y Parreño para embranquecer a nação se valia da compreensão de que este processo devia ser desenvolvido a partir de relações sexuais e a reprodução entre mulheres negras e homens brancos, nunca o contrário, já que as relações sexuais entre mulheres brancas e homens negros foram socialmente interdidas desde o início do período colonial.¹² Contudo, é relevante questionar em que a sugestão de criar colônias com essa única finalidade após a abolição, suprimindo a autonomia de escolha das mulheres, diferia da prática de estupros sistemáticos empreendidos contra mulheres negras por homens brancos envolvidos na estrutura do sistema escravista, visto que a violência sexual contra as mulheres negras foi um mecanismo inseparável da dinâmica opressiva que engendrou o regime escravocrata nas Américas. (GARCÍA, 2009; hooks¹³, 2003; STOLCKE, 1991)

Ou seja, por meio de crimes sexuais vigentes desde o começo do período colonial é que foram gerados os filhos mestiços, convencionalmente denominados de mulatas e mulatos. Contudo, como demonstra a proposta de Arango y Parreño para alcançar o branqueamento da nação, não foi atribuído nenhum papel aos homens negros e mulatos neste processo político. Até porque, o mesmo visava o seu total desaparecimento, que deveria acontecer ainda mais rápido do que a aniquilação das mulheres negras e mulatas que tinham a função de gerar filhos mestiços, cada vez mais claros, para garantir o embranquecimento da população. Ou seja, neste quadro simbólico forjado a partir de nítidas hierarquias de gênero, raça e pigmentocracia, o grupo mais importante desta relação, por cumprir um papel estratégico, eram as mulatas. Exatamente por já serem fruto da mestiçagem, as mulatas poderiam tornar mais factível a possibilidade de concretizar o objetivo do branqueamento.

Segundo Melissa Blanco (2006), a figura da mulata foi convertida em entidade cobiçada em Cuba com a proliferação de sua representação no imaginário social a partir da segunda metade do século XIX. Contudo, a sua imagem foi pautada por meio de noções fetichistas, mediadas pelos sentimentos contraditórios de desejo e repulsa, pois

¹² O controle da sexualidade e o respaldo da figura das mulheres brancas da elite, confinadas à esfera privada, foram cruciais para encaminhar o projeto de branqueamento da nação, pois lhes foi atribuído o papel de preservar os signos de privilégio conferidos à branquidade e à honra das famílias da elite.

¹³ bell hooks é o pseudônimo utilizado pela crítica literária Gloria Jean Watkins. Como posicionamento político, o pseudônimo é grafado em letras minúsculas, pois hooks acredita que nomes e títulos não devem possuir mais valor do que as ideias.

Su cuerpo esconde el deseo de una nación que quiere borrar su historia violenta de esclavitud, racismo y subyugación porque es a través de su cuerpo donde las dos razas parecen unirse en una supuesta armonía. Sin embargo, su cuerpo nunca será un nepente inofensivo. Por el contrario, su cuerpo enfatiza las prácticas patriarcales que borran a su madre negra, rechazan su parto doloroso, resaltan la violencia de la esclavitud que trajo a su madre a Cuba, y transforman ese mismo cuerpo en un objeto de deseo, lo vil. Su cuerpo se convierte en un territorio donde el hombre blanco y negro luchan por sus aspiraciones para poseerlo, dominarlo, o hasta privarlo de derechos. (BLANCO, 2006, p. 84)

Desta forma, mais do que ocupar uma posição estratégica – com a possibilidade de oferecer filhos mais claros, de acordo com a escala da pigmentocracia – a figura da mulata corporificava os signos de poder e opressão vigentes desde o período escravista exatamente porque era um produto direto dos mesmos. Assim, o discurso ambíguo de atração e repulsa, tal como a fetichização, demonstravam os valores subalternos que o seu corpo simbolizava.

Exatamente por corporificar os conflitos de gênero e raça existentes nesta sociedade, as mulatas foram alvo de discursos com representações acerca de um suposto desenfreamento sexual e descontrole emocional. Tal simbolismo está presente no ditado popular que circulava em Cuba durante o século XIX que dizia: “no hay tamarindo dulce ni mulata señorita” (STOLCKE, 2006, p. 38). Este ditado evidencia a construção de uma representação estereotipada sobre a sexualidade das mulatas, tal como revela a construção de uma justificativa moral para os crimes sexuais cometidos historicamente contra as mulheres negras.

Neste sentido, durante a segunda metade do século XIX e começo do XX, a figura da mulata representou com primazia a disputa dos parâmetros de civilização e barbárie presentes no debate intelectual sobre a construção da identidade nacional cubana. Dominar o corpo e a sexualidade das mulatas, por meio das relações inter-raciais, simbolizou a tensão entre encaminhar a nação em direção ao progresso (branquidade) ou ao retrocesso (negritude).

Em meio a tantos debates intelectuais, a abolição da escravidão ocorreu em Cuba apenas no ano de 1886. Esta foi a penúltima libertação do continente americano, anterior somente ao processo que ocorreu no Brasil em 1888. Porém, o fim do trabalho escravo não suprimiu as tensões raciais existentes. O projeto político de branqueamento da população foi colocado em curso com o incentivo da imigração europeia. Entre 1880 e 1930 viajaram para Cuba mais de um milhão de espanhóis. Destes, um quarto decidiu estabelecer-se permanentemente na ilha (BARCIA, 2001).



Contudo, mesmo neste cenário de tensões, ao invés de incentivar o confronto direto entre negros e brancos, alguns intelectuais passaram a defender o ideário de uma identidade nacional baseada na mescla harmônica. José Martí (1853-1895), por exemplo, foi um dos grandes propagadores desta leitura. Considerado "O Apóstolo" da independência cubana, Martí pronunciou o famoso discurso "Mí raza"¹⁴ durante uma viagem aos Estados Unidos em 1893, onde apontou que a sociedade cubana estava isenta de desigualdades raciais, ou em vias de concretizar esta realidade. Neste sentido, ele afirmou:

En Cuba no hay temor a la guerra de razas. Hombre es más que blanco, más que mulato, más que negro. En los campos de batalla murieron por Cuba, han subido juntas por los aires, las almas de los blancos y de los negros. En la vida diaria de defensa, de lealtad, de hermandad, de astucia, al lado de cada blanco hubo siempre un negro (MARTÍ, 1893).

Ao traçar uma contraposição à dinâmica da sociedade norte-americana, Martí defendeu que independentemente da classificação racial, a nacionalidade imperava como uma máxima na identidade do povo cubano e não existia o risco de ocorrer uma guerra por motivações raciais. Mas, apesar do sentido progressista do discurso¹⁵ de Martí e do fato de terem existido líderes negros no exército rebelde, os soldados negros e mulatos não obtiveram o mesmo tipo de tratamento que os brancos durante os processos de luta pela independência política da ilha¹⁶.

E assim como se manteve a desigualdade racial durante as guerras de independência, fora deste contexto bélico não foi diferente. Ainda no cenário do final do século XIX e começo do XX, as mulheres negras e mulatas foram alvo de estudos no campo da medicina pautados pelo racismo científico¹⁷ de médicos eugenistas que construíram discursos que classificavam

¹⁴ Segundo o historiador Alejandro de La Fuente (2001) o discurso "Mi raza" de Martí, foi apropriado por políticos de diferentes e divergentes tendências políticas no decorrer da história cubana, que construíram distintas interpretações sobre ele, edificando leituras mais ou menos conservadoras sobre a identidade nacional e a temática racial, segundo os seus interesses.

¹⁵ Rebecca Scott (2005, p. 198) classifica a leitura de José Martí acerca da temática racial como romântica, populista e um tanto paternalista.

¹⁶ Na província de Matanzas, por exemplo, soldados negros e mulatos foram designados ao papel de simples "ajudantes" e foi-lhes vedado o direito de portar armas de fogo (SCOTT, 2005, p. 173), devido ao imaginário de "miedo al negro".

¹⁷ No final do século XVIII e durante o século XIX, a "raça" passou a ser objeto de teorização científica em todos os campos do saber. Foram desenvolvidas classificações raciais dos grupos humanos, apontando características físicas para instituir hierarquias sociais e assim demonstrar a superioridade da "raça" branca sobre as demais "raças". Uma vez que a civilização foi associada aos brancos e seus atributos físicos, defendeu-se a existência de uma superioridade cultural indiscutível, enquanto as outras raças foram associadas à barbárie ou a selvageria. As produções do racismo científico foram permeadas pelas disputas em torno dos movimentos de expansão europeia

as mesmas como agentes de contágio de enfermidades físicas e morais (MENA, 2007, p. 78). A partir disso, foram estabelecidas associações entre a figura das mulheres negras e mulatas com a prática da prostituição.

Não obstante, o fenômeno social da prostituição, uma problemática que atribuiu a Cuba o título de “*burdel del Caribe*” a partir do final do século XIX¹⁸, partia de bases muito mais complexas, pois esta não foi uma prática desenvolvida apenas por mulheres negras e mulatas, visto que mulheres brancas, e inclusive homens¹⁹, também desempenhavam tal atividade. Todavia, devido aos mecanismos de poder que atuam na construção dos estereótipos de grupos historicamente marginalizados (SHOHAT; STAM, 2006), o discurso sobre a atuação das mulheres brancas como prostitutas não assumiu a mesma proporção e a conotação determinista das críticas arrojadas às mulheres negras e mulatas.

Isto fica evidente na afirmação do médico Ramón Alfonso, secretário da *Comisión de Higiene Especial*²⁰, que declarou no ano de 1902 que as mulheres negras viviam

en constante promiscuidad (...) y favorecidas por todos los medios de su instinto lascivo para que procreara. No podían ser más que unas prostitutas y no podían dar más que hijas prostitutas también. (ALFONSO *apud* GARCÍA, 2009, p. 42)

Ou seja, as colocações deste médico estão explicitamente embasadas na perspectiva do determinismo biológico eugenista. Atribuir a todas as mulheres negras e mulatas a condição de prostitutas, responsabilizando-as pelos crimes sexuais de que foram vítimas, demonstra como foi edificado o estereótipo, assim como qual foi sua função social sobre a sexualidade deste grupo em Cuba. Ademais, o doutor Alfonso deixa nítido que mesmo que seu discurso tenha sido proferido em 1902, ano que marca o nascimento da República em Cuba, sua posição está

como a colonização e o imperialismo, além da construção dos projetos de nação e os nacionalismos europeus. (WIEVIORKA, 2007, p. 19-24)

¹⁸ Segundo o jornal *La Lucha* de 18 de janeiro de 1899, existiam 1400 casas de tolerância na capital La Habana, das quais somente 462 estavam registradas na *Sección de Higiene*. (ELIZALDE, 1996, p. 35)

¹⁹ O médico Benjamín de Céspedes traçou a seguinte crítica à prática da prostituição masculina: “degradaciones de la naturaleza humana, tipos de hombres que han invertido su sexo para traficar con sus gustos bestiales (...) creciente plaga asquerosa” (CÉSPEDES *apud* ÁLVAREZ, 2003, p. 18). Neste caso, destaca-se tanto a crítica à atividade da prostituição quanto a da homossexualidade. Segundo Inmaculada Álvarez (2003), desde o período colonial, a homofobia constitui um lugar comum no imaginário sobre a identidade nacional cubana.

²⁰ Esta comissão pertencia ao *Hospital de Higiene de La Habana*, fundado em 1873 com a finalidade de recluir e “curar” as prostitutas enfermas da cidade. Foi uma das instituições que mais se empenhou para desenvolver as teorias eugenistas no contexto cubano.



intrinsecamente vinculada às representações de gênero e raça edificadas pelos jogos de poder instituídos no seio do sistema colonial–escravista que naturalizou a coisificação dos corpos das mulheres negras e mulatas.

Portanto, a população negra e mulata não deixou de vivenciar conflitos com a formação da república. Apesar do discurso oficial representar a sociedade cubana como “una nación con todos y para todos”, existiam espaços sociais segregados, onde a população negra estava proibida de ter acesso, como clubes, praças e praias (DE LA FUENTE, 2001). Talvez a expressão mais evidente de tal condição de subalternização foi o trágico episódio envolvendo os integrantes do *Partido Independientes de Color* no ano de 1912, também conhecido como “la guerrita de las razas”²¹. Estima-se que mais de 3.000 negros e mestiços foram assassinados, contra a morte de 12 soldados do governo. Isto é, mesmo que José Martí (1893) tenha proclamado a impossibilidade de ocorrer uma guerra por motivações raciais em Cuba, este incidente contradiz a perspectiva idílica do pensador, já que na prática não ocorreu uma guerra, mas um verdadeiro massacre racial (SCOTT, 2005).

Ademais, para além desses conflitos, no decorrer das primeiras décadas do século XX, o já florescente fenômeno social da prostituição assumiu novos contornos, pois o contexto republicano cubano foi marcado pelas tensões das políticas imperialistas do governo dos Estados Unidos, já que a ilha ficou na condição de seu protetorado após a independência da Espanha²². Assim, as decisões políticas assumidas no país vizinho também passaram a ter

²¹ Alguns dos veteranos negros da guerra de libertação, ao se sentirem marginalizados após a independência, tanto pela elite cubana branca, como pelos ocupantes norte-americanos, criaram o *Partido Independientes de Color* em 1908. Este partido tinha a finalidade de representar politicamente a população negra e combater a exclusão social à que esta foi relegada após a emancipação, mesmo com sua destacada participação na luta pela independência. Contudo, de modo estratégico, em 1910, o governo aprovou uma lei que proibia a formação de partidos políticos com indivíduos de uma única cor/raça ou que perseguissem “fines racistas”. Para pressionar a revogação da condição de ilegalidade, os líderes do partido organizaram um protesto no Oriente da ilha em maio de 1912. O exército foi convocado para defender as propriedades da região, e com isso ocorreu uma repressão brutal. As patrulhas vasculharam as estradas, enforcaram e degolaram todos os negros que encontraram fora dos limites das cidades, as vítimas foram selecionadas unicamente a partir do critério de divisão da categoria branco/negro, instaurando uma verdadeira guerra racial. Contudo, este massacre tornou-se um episódio silenciado da história oficial cubana. (SCOTT, 2005)

²² Na última guerra entre Cuba e Espanha (1895-1898), ocorreu a interferência dos Estados Unidos. Com a distância geográfica de apenas 90 milhas da ilha, os líderes norte-americanos foram estratégicos ao se envolverem no conflito contra o exército espanhol. Ao término da guerra, com a derrota do país europeu, o governo norte-americano assinou um acordo que lhe garantia a administração política de Cuba, e a ilha passou a ser seu protetorado. Oficialmente, a ocupação militar norte-americana em Cuba durou quatro anos (1898-1902), contudo, a interferência política do governo estrangeiro na ilha foi marcante até o final da década de 1950.

repercussão em Cuba. Exemplo disto foi que como consequência da determinação da lei seca (Volstead Act) em 1919 – que proibia a venda de bebidas alcoólicas no país – os empresários norte-americanos que tiveram seus negócios fechados passaram a abrir bares e cabarés na cidade de La Habana. Com o final da Primeira Guerra Mundial, viajar para a Europa não se demonstrava atrativo, portanto, empresas turísticas dos Estados Unidos definiram Cuba como um destino interessante por ser um país próximo e particularmente, “exótico”. Em 1921, o slogan de uma agência de viagens descreveu a ilha como “tão perto e tão estrangeira” (ÁLVAREZ, 2003, p. 23).

Por meio da indústria cultural cinematográfica, o mercado turístico norte-americano difundiu representações de que este era o país da desinibição sexual²³. Além disto, a indústria musical classificou ritmos como a rumba e a salsa como formas de dança sensuais. Desta maneira, foi edificada a imagem de um “outro exótico”, que beneficiou uma ampla rede de empresários vinculados ao turismo sexual. Os índices referentes ao turismo internacional passaram de 33.000 turistas em 1914 para 200.000 em 1945. E o número de cabarés e casas de prostituição registrados oficialmente foi de 4.000 em 1912 para mais de 13.000 estabelecimentos em 1950 (ÁLVAREZ, 2003, p. 23). Neste sentido, Cuba passou a ser conhecida internacionalmente como o “bordel norte-americano”²⁴.

Os produtores dessa propaganda sexualizada se apropriaram de hierarquias de gênero e raça já existentes no cenário cubano, representando as mulatas como ícones da lascividade. O denominado “cinema de rumbeiras”²⁵ foi imortalizado por célebres atrizes como Ninón Sevilla, conhecida como “La Venus Dorada”²⁶. Assim, edificou-se desde o exterior um discurso de exotização que ressaltava a sexualidade como a principal característica da identidade cubana.

²³ Este imaginário foi edificado por meio de filmes produzidos especialmente entre as décadas de 1930 e 1950, como: Rumba (1935), Holiday in Habana (1949) e Guys and Dolls (1955) (ÁLVAREZ, 2003, p. 23).

²⁴ Expressivas personalidades estadunidenses da época, como Ava Gardner, Tennessee Williams e especialmente Ernest Hemingway, viajavam para Cuba com frequência. O escritor inglês Graham Green definiu La Habana como o lugar “onde todos os vícios eram tolerados” (ÁLVAREZ, 2003, p. 22-23).

²⁵ As cubanas foram consideradas as rainhas do cinema de rumbeiras mexicano, gênero consagrado entre meados de 1930 e o final da década de 1950, caracterizado por ritmos “tropicais” e danças sexuais em cenários de cabarés. Das cinco principais atrizes desta vertente cinematográfica, apenas uma não possuía nacionalidade cubana (ÁLVAREZ, 2003).

²⁶ Ninón Sevilla foi uma das atrizes mais importantes do cinema de rumbeiras. Ela nasceu em Cuba em 1921 e mudou-se para o México nos anos 1940, onde ficou conhecida como “La Venus Dorada”. Ela atuou em filmes como: “Pecadora” (1947), “Perdida” (1949), “Sensualidad” (1950), “Mulata” (1953), “Club de señoritas” (1955) e “Mujeres de fuego” (1958).



Portanto, a figura da mulata foi utilizada para atrair turistas em favor dos interesses econômicos de empresários estrangeiros e nacionais, tal como também beneficiou economicamente o próprio governo cubano. Isto evidencia que a representação da imagem da mulata cubana durante a primeira metade do século XX estava sob o controle de estereótipos que condicionaram o grupo à posição de “corpo sacrificável” (hooks, 2003) da nação.

Concomitantemente a toda essa produção discursiva produzida desde o exterior, a partir da década 1930 passou a vigorar um discurso de defesa da natureza mestiça, como característica positiva da identidade nacional. O principal expoente deste debate intelectual foi o criminologista Fernando Ortiz (1881-1969), que já desenvolvia pesquisas sobre as culturas e religiões de origem africana desde 1906²⁷. A partir do conceito de “transculturação”²⁸, Ortiz proclamou a existência de um *ajiaco* (mistura de diferentes elementos) cultural na sociedade cubana (ORTIZ, 2002).

A nova retórica nacionalista, fomentada pela produção desses intelectuais, foi impulsionada pelo governo cubano no contexto da segunda república. Esse discurso defendia a mescla como essência fundamental da identidade nacional, que a partir da fusão de diferentes elementos raciais teria criado algo singularmente novo: a cultura cubana.

Nada obstante, o discurso que apresentou a mestiçagem a partir de uma perspectiva pacífica e positiva cumpriu um papel importante neste contexto histórico. Afinal, era necessário garantir que os indivíduos das diferentes classificações raciais se reconhecessem na identidade nacional, para assim somarem forças para a construção de Cuba enquanto nação. Mas o discurso

²⁷ Identifica-se a existência de duas fases no pensamento do criminologista Fernando Ortiz. Seus trabalhos iniciais foram marcados por leituras biológicas da realidade social, onde é notória a influência da obra do criminologista Cesare Lombroso. Na obra *Los negros brujos* publicada em 1906, existem explícitas expressões racistas que atribuem ao negro uma condição primitiva que estabelece sua predisposição natural ao crime. Na considerada segunda fase do autor entre 1913-1940, sob a influência da sociologia estadunidense, Ortiz superou esse discurso. Com o objetivo de entender como a relação de trocas culturais entre diferentes grupos étnicos construiu a *cubanidad*, ele deu sequência aos estudos acerca da influência da cultura negra para a conformação da identidade nacional (LECLERCQ, 2004).

²⁸ O conceito de transculturação proposto por Ortiz em 1940 no livro *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*, já demonstrava suas bases fundamentais desde trabalhos publicados em 1913. A concepção de trânsitos culturais é fundamental para a definição do modelo de transculturação proposta pelo autor: “No hubo factores humanos más trascendentes para la cubanidad que esas continuas, radicales y contrastantes transmigraciones geográficas, económicas y sociales de los pobladores, que esa perenne transitoriedad de los propósitos y que esa vida siempre en desarraigo de la tierra habitada, siempre en desajuste con la sociedad sustentadora. Hombres, economías, culturas y anhelos todo aquí se sintió foráneo, provisional, cambiadizo, ‘aves de paso’ sobre el país, a su costa, a su contra y a su malgrado.” (ORTIZ, 2012).

de defesa de uma mescla racial e cultural sintetizadora, buscou nada mais que minimizar as tensões existentes ao exorcizar o “medo” atribuído à cultura de origem africana. Uma vez que a população negra e mulata não deixou de ocupar uma posição secundária na edificação do projeto nacional cubano (LECLERCQ, 2004).

O contexto político subsequente foi marcado pela emergência de novos debates na esfera social. A partir de 1959, o novo governo revolucionário assumiu o poder, constituído por uma articulação política com direcionamento nacionalista e anti-imperialista. Somente no ano de 1961 a revolução assumiu o caráter socialista, instituindo um estreito vínculo político entre o governo cubano e a *União das Repúblicas Socialistas Soviéticas* (URSS). Esta aliança refletiu-se especialmente na criação de parcerias econômicas, apoio militar, bem como no direcionamento da concepção política do Estado cubano. Para desenvolver o projeto revolucionário, o governo da ilha buscou instituir transformações radicais em diferentes âmbitos da sociedade, incluindo o campo do imaginário e das representações, que foram alvos privilegiados de disputas para a construção da “consciência verdadeiramente socialista” (CASTRO, 1979, p. 16).

Tal mudança no campo ideológico demonstrava-se necessária para acompanhar as modificações na esfera social. Até 1959, a sociedade cubana era marcada pela explícita desigualdade estrutural que atingia a população, como a pobreza, o analfabetismo (40% da população não era letrada), a problemática da prostituição (estima-se que 100 mil mulheres se prostituíam no ano de 1958), além das grandes assimetrias raciais, entre outras questões. O governo revolucionário priorizou investimentos nas áreas de educação, saúde e emprego, considerados setores fundamentais para o desenvolvimento social, o que propiciou transformações significativas para a população (GOTT, 2006).

No tocante ao fenômeno social da prostituição, o governo revolucionário definiu o seu combate como uma de suas prioridades. Foram fechados todos os bordéis, foi oferecida qualificação profissional para as mulheres que desenvolviam este ofício, além da oferta de atenção aos seus filhos. O governo realizou o “internamiento en granjas agrícolas y medidas carcelarias para las pocas que aún continuaban ejerciendo” (DÍAZ; GONZÁLEZ, 1997, p. 169)



tal função. Desta maneira, a prostituição foi declarada oficialmente extinta em 1965, no entanto, ela não deixou de existir no contexto revolucionário, ainda que de forma residual²⁹.

Já com relação às desigualdades raciais, não houve o desenvolvimento de políticas sociais específicas. Para garantir a unidade nacional e reafirmando a antiga leitura dos políticos no poder, que compreendiam a questão racial como um tema divisionista, o Estado socialista assumiu a existência de desigualdades sociais entre negros e brancos, mas declarou tê-las superado em 1962 com a eliminação de aspectos jurídicos que impediam a igualdade de direitos. A partir disto, criou-se um ambiente onde a temática racial passou a ser tratada como um tabu, tanto a autoafirmação quanto o apontamento da existência de desigualdades raciais passaram a ser vistos como uma prática divisionista, além de um suposto racismo às avessas (DE LA FUENTE, 2001; MORALES, 2007).

Ou seja, como consequência do imaginário de “miedo al negro”, manteve-se mesmo no contexto revolucionário o entendimento de que combater as históricas assimetrias raciais – que forjaram a estrutura das relações de poder em Cuba – poderiam ser sinônimo de desintegração da unidade nacional. Desta forma, o desenvolvimento de políticas públicas universais garantiu melhorias na condição social de toda a população. Mas, essas ações genéricas não conseguiram combater as assimetrias existentes entre os grupos de negros e brancos (DE LA FUENTE, 2001).

Entre 1975 a 1985, Cuba passou por um período de grande crescimento econômico, onde registrou-se importantes avanços sociais, especialmente nas áreas de saúde, educação e emprego. Contudo, as transformações em curso na arena internacional a partir do final da década de 1980 geraram intensos impactos nesta sociedade. A queda do muro de Berlim em 1989 e o desmoronamento do campo soviético desencadearam o isolamento político e econômico de Cuba.

Esta nova fase política e econômica foi denominada oficialmente em 1991 como “Período Especial em Tempos de Paz”, mas passou a ser habitualmente chamada apenas de período especial. A ilha entrou na mais intensa crise econômica de toda sua história³⁰, fato que

²⁹ Segundo especialistas, como Teresa Díaz Canals e Graciela González Olmedo (1997, p. 173) existiram focos de prostituição associados à atividade marítima e portuária durante os anos 1970 e 1980. Além de manifestações da prostituição dirigida a homens que ocupavam altos postos do escalão do governo, do exército e da diplomacia.

³⁰ O produto interno bruto (PIB) cubano caiu vertiginosamente: -2,90% em 1990; -10% em 1991; -11,6% em 1992; e -14,9% em 1993, o pior ano da crise econômica. Como as autoridades temiam, houve uma drástica redução nos



motivou a construção de novos rumos para o socialismo cubano³¹. As mudanças que ocorreram neste cenário impactaram na vida de toda a população cubana, mas as mazelas da crise atingiram a população negra de forma ainda mais acentuada³².

Com a liberação para o investimento de capital estrangeiro na ilha, um dos pilares fundamentais do processo de abertura econômica foi a inserção de empresas estrangeiras no setor turístico oriundas principalmente do Canadá e da Espanha. Assim, as visitas de turistas estrangeiros que até então eram mal vistas pelo governo revolucionário (por serem compreendidas como favoráveis às más influências da mentalidade capitalista) passaram a ser estimuladas a partir da década de 1990. Nas últimas décadas, a sociedade cubana retirou do turismo uma de suas principais fontes de recursos financeiros. Segundo Mesa-Lago (2003, p. 200), o número de turistas cresceu de 2.770 em 1989, para 1.773.986 no ano 2000, e a receita bruta do turismo cresceu 11,5%.

Este cenário criou novos atores sociais e econômicos no contexto revolucionário, como a figura do empresário capitalista estrangeiro; o funcionário das empresas de capital misto ou estrangeiro que recebe em *peso convertible*; o trabalhador por conta-própria³³; o desempregado (resultado das medidas de racionalização de empregos), além dos indivíduos que desenvolvem atividades econômicas ilícitas como os que atuam no denominado “mercado negro” e as prostitutas (habitualmente denominadas de *jineteras*). Bobes (2001, p. 86) aponta que tal diversificação dos sujeitos socioeconômicos em uma sociedade que viveu mais de três décadas

índices das importações, a capacidade foi reduzida em 70% entre os anos de 1989 e 1992. Com o desaparecimento do mercado alvo, também ocorreu a redução das exportações.

³¹ O governo recorreu a diferentes estratégias na área político-econômica, como: a promulgação de uma *Nueva Ley Electoral* e a reforma da constituição em 1992; a aprovação do investimento de capital estrangeiro (foram criadas empresas mistas e de capital privado) em diversos setores da economia; a introdução do trabalho autônomo tributado em alguns ramos profissionais; a abertura do mercado interno; a despenalização do dólar e a abertura de casas de câmbio; a criação do *peso convertible* (ou CUC) que levou à circulação de duas moedas na ilha; a abertura do mercado agropecuário, que passou a ser regido pela lei de oferta e demanda; a reorganização da produção agropecuária através do cooperativismo; a racionalização do aparato estatal; a redução dos postos de trabalho; o investimento no setor do turismo internacional, a aplicação de uma política fiscal, entre outras ações (BOBES, 2001; HOLGADO, 2002).

³² Os estudos acerca dos impactos do período especial sobre a população negra, em sua diversidade, apontam que as desigualdades raciais e as tensões sociais racialmente definidas cresceram substancialmente, pois, com o advento da crise, a população negra acabou por se tornar a parcela da população mais impactada por seus efeitos por não ter sido alvo de políticas direcionadas que visassem minimizar os efeitos das históricas desigualdades (DE LA FUENTE, 2001; KNEESE, 2005; MORALES, 2007).

³³ O trabalho autônomo foi autorizado legalmente em Cuba a partir de setembro de 1993 através do Decreto-Lei 141, mas é válido apenas para alguns ofícios, a exemplo da administração privada de bares e restaurantes, que estavam fechados desde março de 1968 (GOTT, 2006, p. 327).



sob a absoluta centralização estatal, cujo discurso estava baseado na homogeneização social, expõe o aumento das tensões sociais vigentes neste período com o surgimento de “estilos de vida” muito distintos entre si.

Desta forma, a crise econômica não motivou transformações somente no âmbito financeiro. A mesma provocou abalos nos valores coletivistas e igualitários, pilares do projeto socialista, o que conseqüentemente atingiu o imaginário de unidade e o apoio político ao governo. Especialistas apontam que o período especial, para além da crise econômica, representa uma crescente crise na ética e nos valores sociais revolucionários (BOBES, 2001).

Assim, este novo cenário emergente influenciou diversas modificações na vida cotidiana e nos valores da população. Ocorreram problemas como a desvalorização social da educação e do trabalho formal; inversão na pirâmide de ingressos salariais; o incremento da desocupação e o subemprego; a intensificação da estratificação social; o aumento da corrupção administrativa e policial; a superlotação e a deterioração das moradias; a instabilidade nas relações maritais, ademais do crescimento do individualismo, da agressividade e dos índices de violência (HOLGADO, 2002).

Segundo a historiadora Almudena Olondo (2006, p. 154) o novo contexto forjou a incidência de certa flexibilidade ética e moral. Devido às inúmeras carências materiais, passou a ser relativamente aceito socialmente, “resolver” os problemas pelos meios individuais disponíveis, o que fica explícito na formulação do seguinte ditado popular: “Aquí todo el mundo roba, y gracias a esto todo el mundo vive”. Ou seja, para além da crise econômica, o período especial impulsionou a constituição de novos códigos de sociabilidade em Cuba.

Neste sentido, dentre os novos códigos de conduta “Un recurso que mostra la cara menos benévola de la actividad en el sector informal lo constituye la prostitución” (MOLYNEUX, 2003, p. 144) ou *jineterismo*. Este neologismo cubano, *jinetera(o)*, aponta para a complexidade presente nas relações sociais e econômicas entre cubanos e estrangeiros a partir dos anos 1990, especialmente a atividade da prostituição³⁴. Mas neste âmbito a prática do

³⁴ Segundo as análises “(...) el jineterismo es actualmente usado para describir un amplio rango de actividades relacionadas con el acoso al turista (incluyendo la venta en el mercado negro de cigarrillos, ron, joyas de coral, etc.), provisión de servicios de taxi o acceder a los "auténticos" rituales de santería, o simplemente sirviendo como guías informales a cambio de comida gratis o algunos regalos del turista. Aparte de estos negocios a nivel de calle, el término es también aplicado, frecuentemente, fuera del área del turismo para referirse a cualquier actividad

jineterismo extrapola o sentido econômico, posto que também passou a se constituir como uma alternativa para a emigração legal, pois o casamento com estrangeiros era uma das poucas alternativas para obter a permissão para sair do país.³⁵

Como expressão de um tema tabu, não existem índices oficiais sobre o *jineterismo* em Cuba, o que dificulta o entendimento do fenômeno e a delimitação do perfil dos envolvidos nessa atividade, sejam homens ou mulheres³⁶. Entretanto, existe um consenso entre os estudiosos da temática em apontar que as jovens negras e mulatas seriam as que majoritariamente atuam como *jineteras* (ALCÁZAR, 2009; BOBES, 2001; ELIZALDE, 1996; HOLGADO, 2002; KNEESE, 2005). Todavia, como problematiza Alcázar (2009, p. 6), a interpretação sobre a condição racial das mulheres que se envolvem sexualmente com turistas estrangeiros tende a fazê-las transitar na escala da pigmentocracia. Ou seja, devido ao estereótipo de que os negros estão frequentemente envolvidos em ações ilícitas, seria mais fácil definir uma mulata como *jinetera*. Ainda que inserida em outro contexto, a mesma seria classificada como branca, exatamente para ser condizente com as representações historicamente instituídas no imaginário social.

Porém, os discursos que associavam a imagem das mulatas à atividade da prostituição não se mantiveram baseados apenas em representações de um passado longínquo. A pesquisa de Norma Guillard (2004) sobre a figura da mulher negra cubana na publicidade, demonstra que a reprodução de sua imagem é praticamente nula. Porém, quando essa representação ocorre, efetua-se basicamente em anúncios de turismo onde jovens negras e mulatas aparecem seminuas. Assim, evidencia-se que as representações que associaram historicamente a figura das mulheres negras e mulatas a hipersexualidade foram reafirmadas durante o período especial.

generadora de dólares o conectada con extranjeros [incluida el intercambio sexual]”. (FERNÁNDEZ apud ALCÁZAR, 2009, p. 11)

³⁵ Até o ano de 1998, os números a respeito dos matrimônios entre cubanos e estrangeiros ultrapassava os 30 mil, os maiores índices de casamentos era com homens de nacionalidade italiana (HOLGADO, 2002). Homens de meia idade encontram em Cuba um mercado matrimonial para abandonar a solidão, como demonstra o filme *Flores de otro mundo* (1999) de Icíar Bollaín. Passaram a existir inúmeras páginas na internet voltadas para facilitar a procura por “mujeres cubanas para matrimonio”.

³⁶ Ainda prevalece a representação de que a prostituição é uma prática desenvolvida unicamente por mulheres. No entanto, apesar do “silêncio” sobre a prostituição masculina, muitos homens cubanos passaram a se utilizar de relacionamentos afetivo-sexuais com mulheres estrangeiras como estratégia de inserção na nova economia emergente, tal como uma alternativa para sair do país. (HOLGADO, 2002, p. 263)



Neste sentido, mais do que constatar o estímulo do governo ao mercado turístico como novo foco de recursos financeiros, demonstra-se necessário analisar qual o tipo de turismo era visado a partir da utilização dos códigos discursivos empregados. Por exemplo, o Hotel Sol Palmeras da cidade de Varadero – um dos principais destinos turísticos da ilha – expressou em um anúncio publicitário: “Cuba: fuego y pasión de sabor caribeño”. E a *Cubatur*, agência de viagens estatal, criou o seguinte slogan: “Esta isla merece amor” (DE LA FUENTE, 2001, 448). Ou seja, foram resgatadas as representações historicamente construídas de que Cuba seria um paraíso de indulgência sexual.

De modo paradoxal, tanto as empresas de capital misto como as próprias instituições estatais reavivaram esses imaginários, definindo as mulatas como os principais alvos da propaganda sexualizada na área do turismo (ÁLVAREZ, 2003, p. 30; BOBES, 2001, p. 90; HOLGADO, 2002, p. 242). Portanto, o mesmo Estado que condenou³⁷ as mulheres envolvidas com a prostituição, concordou e até mesmo passou a elaborar propagandas com teor sexual, fomentando discursos de uma suposta sexualidade tropical incontrolável³⁸. Para Tamara Kneese (2005, p. 449), o retorno do fenômeno social da prostituição em Cuba se fundamenta nas antigas hierarquias sociais de gênero e raça que constituem as representações sociais das mulheres negras, principalmente as mulatas, sob o mito de sua disponibilidade e destreza sexual.

A representação da figura da mulata na literatura cubana e a perpetuação do ícone de Cecilia Valdés

³⁷ A prostituição e o proxenetismo foram incluídos no *índice de peligrosidad predelictiva*, definidos como condutas impróprias em 1999. Inicialmente, os policiais aplicam advertências oficiais, a partir da terceira advertência os infratores são direcionados para *Centros de Clasificación e Internamiento* para trabalhar em atividades agrícolas com a finalidade de se *reeducar* para a sua reinserção na sociedade. Caso sejam reincidentes, são punidos(as) com até oito anos de prisão (HOLGADO, 2002, p. 255). Contudo, os turistas estrangeiros, majoritariamente homens, não são penalizados pela compra dos serviços sexuais, somente os profissionais do sexo (identificados pelo policiamento), majoritariamente mulheres.

³⁸ Segundo Holgado (2002, p. 256), o *Instituto Nacional de la Industria Turística* e a agência de viagens estatal *Cubanacán* foram os anfitriões de uma equipe da revista *Playboy* que viajou a Cuba em 1991 para realizar uma matéria onde lindas jovens apareceram seminuas.



As mulheres negras e mulatas ocuparam historicamente um espaço subalterno na sociedade cubana. Esta posição não difere do *status* atribuído a este grupo na produção literária onde o cânon é ocupado por homens brancos, e as mulheres não-brancas representam os *outros* nas narrativas.

O crítico literário Carlos Uxó González (2010) desenvolveu uma análise sistemática da produção literária cubana, desde o período colonial até meados dos anos 2000, onde constatou que a representação da população negra é composta a partir de signos subalternos. Além disso, existe uma grande invisibilidade, as obras literárias com personagens negras e negros no centro de suas tramas são exceções. Mas quando são representadas, as referências existentes são caricaturais (UXÓ, 2010). A literatura, enquanto representante do imaginário social, evidencia que ainda impera a perspectiva hierárquica que assegura a construção da identidade positiva de um grupo (o branco) frente à estigmatização do *outro* (o negro). São prevaletentes as seguintes características das personagens de mulheres e homens negros e mulatos:

resultan recurrentes la esencialización resultante de usar rasgos fenotípicos en lugar de nombres propios como término de referencia (algo casi inaudito en personajes blancos); la sexualización e hipersexualización hasta la atrofia tanto del hombre negro (constantemente semantizado en torno a un pene de grandes dimensiones) como de la mulata (percibida repetidamente como lujuriosa y provocadora por naturaleza); o la folklorización que asume en el afrocubano, como parte de su inmutable esencia, la habilidad para la música más tradicional (a la cual queda reducido). Del mismo modo, y como viniera ocurriendo también desde el primer ciclo de novelas abolicionistas, numerosos relatos tratan de la problemática racial en determinados momentos históricos (el fin de la esclavitud o la Guerra de la Raza de 1912), aunque lo hacen desde un punto de vista casi exclusivamente blanco que enmudece por completo la voz del afrocubano. (UXÓ, 2011, p. 122)

Assim, a partir de estereótipos sobre as condições físicas, culturais e religiosas de mulheres e homens negros e mulatos são forjadas as representações de personagens atávicos em posições subalternas, que ocupam o lugar do *outro* na narrativa cubana. Tais representações receberam maior ou menor ênfase a depender do período histórico, mas constituíram o discurso dominante na produção literária da ilha em seus diferentes contextos históricos (UXÓ, 2010; 2011).

No caso específico da imagem das mulheres negras e mulatas na literatura, a intersecção dos sistemas combinados de opressão de gênero e raça reforçam a perpetuação da lógica da invisibilidade. Ou seja, é ainda menor a representação de personagens de mulheres negras e



mulatas do que a de homens negros e mulatos na literatura cubana (UXÓ, 2011). Isso evidencia que a opressão interseccional que opera contra as mulheres negras se institui por meio da invisibilização, que se efetiva pela “não-representação, na negação, que é uma recusa de existência social e de humanidade” (WIEVIORKA, 2007, p. 130).

Contudo, tal como ocorre com os homens, quando a imagem das mulheres negras e mulatas deixa a invisibilidade e passa a ser representada nas narrativas, são utilizadas complexas figuras simbólicas para reproduzir leituras sobre uma suposta inferioridade física, moral e social do grupo na literatura. Além disso, devido à perpetuação dos princípios da pigmentocracia, anteriormente discutidos, a representação das mulatas é muito mais expressiva que a de mulheres negras retintas. Até porque, a representação imperante da mulata na literatura cubana esteve historicamente vinculada ao fetichismo (ÁLVAREZ, 2013; UXÓ, 2011).

Desde o período colonial, vigoraram construções acerca da inferioridade das mulatas na literatura, representações elaboradas majoritariamente por homens brancos letrados. É o que demonstra a obra *Cecilia Valdés* de Cirilo Villaverde, publicada em 1882³⁹. Classificada como a principal obra da literatura cubana, a narrativa sobre o romance entre Cecilia, uma mulata “praticamente branca”, e Leonardo Gamboa, um homem branco da elite, expõe as transgressões que vigoraram na sociedade escravista.

A trama revela que Cecilia é filha bastarda de Don Cândido Gamboa, o senhor de engenho pai de Leonardo, portanto, ambos são irmãos e o seu envolvimento é um crime incestuoso. A obra tem um final trágico, onde Leonardo é assassinado por Pimienta, um mulato apaixonado por Cecília, que finda sendo enviada pelo pai para um hospital psiquiátrico juntamente com a filha que teve com Leonardo. Isto condena a sua filha a viver como bastarda, assim como a própria Cecilia viveu. Neste hospital, ocorre o reencontro entre Cecilia e sua mãe, também internada há anos por Don Cândido Gamboa (VILLAVARDE, 2008).

Para Benítez-Rojo (2009), Villaverde buscou demonstrar por meio dos conflitos que permeiam a obra que a corrupção moral da escravidão corrompeu a toda a população, incluindo brancos, negros e mulatos, sem exceções; transmitindo a mensagem de que o passado escravista e o racismo impossibilitam a reconciliação entre os cubanos.

³⁹ A primeira versão de *Cecilia Valdés* foi publicada em 1839 no formato de conto em uma revista. Somente em 1882 houve a publicação da versão definitiva da obra de Villaverde.

Entre outras possíveis interpretações, a descrição de Cecilia presente na obra evidencia a influência do pensamento determinista na narrativa de Villaverde, além de demonstrar nitidamente o arquétipo que passou a vigorar sobre a figura da mulata na literatura cubana a partir de sua obra:

Porque a una frente alta, coronada de cabellos negros y copiosos, naturalmente ondeados, unía facciones muy regulares, nariz recta que arrancaba desde el entrecejo, y por quedarse algo corta alzaba un sí es no es el labio superior, como para dejar ver dos sartas de dientes menudos y blancos. Sus cejas describían un arco y daban mayor sombra a los ojos negros y rasgados, los cuales eran todo movilidad y fuego. La boca tenía chica y los labios llenos, indicando más voluptuosidad que firmeza de carácter. Las mejillas llenas y redondas y un hoyuelo en medio de la barba, formaban un conjunto bello, que para ser perfecto sólo faltaba que la expresión fuese menos maliciosa, si no maligna. (VILLAVERDE, 2008, p. 25)

Portanto, o autor atesta a existência de falta de caráter e um lado maligno em Cecilia, por meio de leituras sobre suas características físicas. Pois ainda que fosse “praticamente branca”, a personagem tinha fenótipo negroide. Este tipo de interpretação está vinculado às teorias do racismo científico e ao pensamento médico-eugenista que vigoraram no final do século XVIII até a primeira metade do século XX em inúmeros países europeus e latino-americanos, inclusive em Cuba (MENA, 2007).

Ademais, a descrição da imagem de Cecilia Valdés, a mais marcante de todas as personagens negras, que é igualmente a principal personagem feminina da literatura, corresponde ao arquétipo construído da mulata na literatura cubana por meio dos seguintes atributos: beleza, sensualidade, luxúria, ascendência impura e particularidades malévolas.

Para reafirmar tais atributos malignos de Cecilia, ela era denominada pelo personagem de Leonardo como “un diablito en figura de mujer” (VILLAVERDE, 2008, p. 344). Outro aspecto notável é que as características atribuídas a Cecilia são totalmente opostas das empregadas às personagens de mulheres brancas presentes na obra, especialmente Isabel, a noiva de Leonardo. O mesmo faz questão de distinguir as duas, entre a mulher ideal e a impossível de cogitar para o matrimônio⁴⁰. Este discurso demonstra-se revelador das

⁴⁰ O personagem de Leonardo Gamboa realiza uma comparação entre Cecilia e Isabel, sua noiva branca, na qual explica que seria impossível decidir-se entre uma das duas devido à existência de posições dicotômicas entre ambas; ele afirma: “No habiendo puntos de comparación bajo ningún concepto entre las dos mujeres, no puedo querer a la una como quiero a la otra. La de allá [Isabel] me trae siempre loco, me ha hecho cometer más de una locura y todavía me hará cometer muchas más. Con todo, no la amo, ni la amaré nunca como amo a la de acá...”

hierarquias sociais que permeavam a figura de mulheres negras e brancas na sociedade cubana durante o século XIX que estavam distanciadas pela existência de um duplo critério moral. Pois Cecília, como mulata, ocupa o espaço do *outro* feminino, simbolizando a oposição ao marianismo imperante, ao qual se enquadra a imagem de Isabel, enquanto mulher branca, representada com características virginais e submissas.

A contraposição entre a figura de mulheres brancas e não-brancas, a partir de esquemas binários⁴¹, foi um mecanismo utilizado para cristalizar a imagem de virtuosidade/superioridade de um grupo frente à promiscuidade/inferioridade do outro, de acordo com a sua classificação racial. Historicamente, o corpo das mulheres negras e mulatas foi simbolizado como uma forma de desvio sexual e moral no imaginário social. Sua imagem foi representada na literatura como retrato de “mulher caída” e antítese da mulher branca, legitimando a concepção de duplo critério moral.

Tal dualidade se fez necessária, pois como aponta bell hooks, a figura da mulher negra e mulata é “Indeseable en el sentido convencional, que define la belleza y la sexualidad como deseables sólo en la medida en que son idealizadas e inalcanzables”, logo “el cuerpo femenino negro recibe atención sólo cuando es sinónimo de accesibilidad, disponibilidad, cuando presenta desviaciones sexuales.” (hooks, 2003, p. 35)

Assim, por meio de representações de permissividade, a personagem de Cecília Valdés iniciou uma saga de personagens de mulatas sedutoras que rechaçam o casamento com homens negros e mulatos por julgarem que o casamento com homens brancos significaria a sua ascensão tanto em termos econômicos como sociais. Não obstante, Cecília, mais do que a protagonista

Aquella [Cecilia] es toda pasión y fuego, es mi tentadora, un diablito en figura de mujer, la Venus de las mula... ¿Quién es bastante fuerte para resistírsele? ¿Quién puede acercársele sin quemarse? ¿Quién al verla no más no siente hervirle la sangre en las venas? ¿Quién la oye decir: te quiero, y no se le trastorna el cerebro cual si bebiera vino? Ninguna de esas sensaciones es fácil experimentar al lado de Isabel. Bella, elegante, amable, instruida, severa, posee la virtud del erizo, que punza con sus espinas al que osa tocarla. Estatua, en fin, de mármol por lo rígida y por lo fría, inspira respeto, admiración, cariño tal vez, no amor loco, no una pasión volcánica.” (VILLAYERDE, 2008, p. 344-345). Na sequência, o personagem expõe que são precisamente as características de Isabel que um homem deve buscar numa mulher para contrair matrimônio. Já com relação a Cecília, afirma “No me ha pasado jamás por la mente casarme con la de allá, ni con ninguna que se le parezca” (p. 345).

⁴¹ A configuração de esquemas binários está intrinsecamente relacionada a discursos coloniais sobre códigos de gênero, raça e sexualidade, definidos por dicotomias entre: mente/corpo; luz/escuridão; racionalidade/irracionalidade; puro/impuro. A partir desses mecanismos discursivos foi construída a figuração da superioridade do homem branco europeu frente à inferioridade biológica dos *outros*, distanciados de sua imagem. Tais discursos essencialistas relacionaram características físicas do fenótipo negro e do corpo feminino à inferioridade intelectual e comportamental desses grupos (SHOHAT; STAM, 2006; STOLCKE, 1991b).



do livro de Villaverde, reapareceu como personagem em outras obras, além de sua figura operar, especialmente, como arquétipo para as personagens de mulatas na produção literária cubana ao longo da história.

Dentre as explícitas inspirações em *Cecilia Valdés*, encontra-se o romance *Sofia* (1891), produzido ainda no período colonial pelo escritor e político Martin Morúa Delgado (UXÓ, 2010). Além disso, já no contexto republicano, a representação de mulatas envolvidas em relações inter-raciais, assim como a ligação entre Cecilia e Leonardo, tornou-se recorrente. Essas obras estavam em conformidade com o ideal de branqueamento da nação e manutenção das hierarquias de gênero e raça difundidos no imaginário, uma vez que eram abordados os envolvimento afetivo-sexuais entre homens brancos e mulheres não brancas, quase nunca o inverso⁴². Dois exemplos disto são as obras *Mersé* (1924) de Felix Soloni e *La mulata Soledad* (1929) de Adrián del Valle. A primeira traz aspectos interessantes para esta análise, pois expõem os conflitos de uma jovem mulata que luta contra os estereótipos designados à sua condição e à posição que a sociedade lhe reserva enquanto mulata. Assim, no sentido de ressaltar a invariabilidade de sua condição, a tia de Mersé lhe recorda:

La cabra siempre tira al monte... La mulata no pué ser más que eso: ¡mulata! Si se refina, los blancos la miran por encima del hombro, aunque se vuelvan locos por ella; y los suyos también la miran mal. Si se deja arrastrar por la corriente, lo mismo puede ser una señorona que una desgraciada. ¡Pero eso sí, que no piense en matrimonio!... ¡La que es bonita, tarde o temprano cae! (SOLONI *apud* UXÓ, 2010, p. 162)

Ou seja, a condição biologicamente “inferior” conjuntamente com o agravante de sua beleza física, estabelece a maldição do destino irrevogável de Mersé de viver na imoralidade (“tarde o temprano cae”). A partir desta perspectiva essencialista, existem poucas possibilidades para a atuação da personagem longe do quadro simbólico de representações imposto às mulatas. Assim, mesmo relutante a se enquadrar no estereótipo, no decorrer da narrativa, Mersé cumpre

⁴² Carlos Uxó (2010) menciona dois livros publicados no período republicano onde as relações inter-raciais incluem homens negros: *La raza triste* (1924) de Jesús Masdeu, onde há um médico mulato que se envolve com uma mulher branca (p. 161); e *Belén el Aschanti* (1924) de Jorge Mañach, com um homem negro, escravizado, que se relaciona sexualmente com uma mulher branca, sua ama (p. 163). Em ambos os livros, mesmo ocupando posições sociais diferentes, já que o primeiro possui educação universitária e profissão liberal e o segundo se encontra na condição de escravizado, os dois homens são assassinados no decorrer das tramas como forma de punição a grave transgressão social cometida.

o seu “destino natural” de mulata quase aos moldes de *Cecilia Valdés*, perde a “virtude” e morre no final da trama.

A década de 1930 demarca importantes transformações na produção literária, devido à “entrada cubana a la modernidad y sus escarceos vanguardistas” (ZURBANO, 2006, p. 113). Importante referência deste período, a poesia negrista elegeu a mulata como figura de destaque. Contudo, ainda que preocupados em exaltar a contribuição da cultura africana para a constituição da cultura cubana e denunciar o racismo por meio das poesias, esses poetas não deixaram de atribuir características de uma sensualidade “primitiva” que seria inerente às mulatas (LECLERCQ, 2004, p. 210). Pois, valores de gênero hierarquizados e representações subordinadas da figura da mulher negra também constituíram o discurso dos homens negros. Até mesmo Nicolás Guillén⁴³, principal referência da poesia negrista no cenário cubano, não deixou de reafirmar o binarismo mente/corpo⁴⁴, que consolidou historicamente a representação da figura mulher negra e mulata como “só corpo sem mente” (hooks, 1995, p. 469).

Já o contexto político subsequente a partir da revolução de 1959, foi marcado por inúmeras transformações tanto no campo social, como cultural, visto que as metas de transformação política não se restringiam apenas às mudanças no campo material. Neste sentido, ocorreram intensos debates acerca do papel de artistas e intelectuais na sociedade revolucionária, pois a produção cultural deveria estar em conformidade com o programa político do novo governo, que passou a considerar a literatura como uma “arma” e o artista como um “soldado” da revolução (ABREU, 2007; MISKULIN, 2009).

Para o líder Ernesto Che Guevara os vestígios de valores burgueses figuravam como um dos obstáculos cruciais para a construção do socialismo. Dentro de sua concepção, sobretudo os intelectuais e artistas simbolizavam a permanência da consciência burguesa, por terem se formado antes da revolução no contexto onde representavam a consciência da sociedade. Desta

⁴³ Guillén provocou um escândalo com a publicação do livro *Sóngoro Cosongo* em 1931. Sua produção poética abarca uma vasta temática, desde o folclore negro, a música, a dança, a *mulatez* cultural, até os mitos e a espiritualidade da sociedade cubana, além dos poemas dedicados a mulher negra e mulata.

⁴⁴ A título de exemplo, é possível interpretar a construção de representações essencialistas da figura da mulher negra e mulata no discurso de Guillén por meio do poema *Madrigal II* de 1931: *Teu ventre sabe mais que a tua cabeça/ e tanto como as tuas coxas/ Essa/ é a forte graça negra/ do teu corpo desnudo.* (GUILLÉN, 2005, p. 53). O poeta se utiliza de um estilo direto, repleto de alta tensão sexual na representação da mulher negra e mulata.

forma, ele define: “a culpa de muitos de nossos intelectuais e artistas reside em seu pecado original; não são autenticamente revolucionários” (GUEVARA, 2005, p. 60).

Assim, a direção político-cultural definiu as seguintes temáticas para a produção literária: a socialização da terra, trabalho voluntário, os impactos da nova moral socialista, crises familiares, as mobilizações contra o bloqueio econômico, etc. (MISKULIN, 2009; UXÓ, 2010). A prioridade nas narrativas passa a ser a unidade nacional, projetando a imagem de uma identidade sem conflitos, onde se dissolvem as questões específicas para fomentar o projeto político socialista.

Com tal direcionamento, a invisibilidade das personagens de mulheres negras e mulatas se consolidou de modo ainda mais acentuado neste contexto (UXÓ, 2010). Uma vez que o governo revolucionário minou todas as possibilidades de construção do debate racial, criando um tabu em torno da temática (DE LA FUENTE, 2001), efetivou-se a continuidade da presença secundária da população negra na produção literária, onde em muitos trabalhos foi citada apenas para coadunar com a ideia de integração racial e reiterar o discurso oficial de superação do racismo⁴⁵.

Durante a década de 1970, conhecida como os “anos de chumbo” da política cultural da revolução, chamada também de “Quinquenio Gris”⁴⁶, ocorreu a etapa de maior controle da produção de intelectuais e artistas (MISKULIN, 2009), com ainda mais restrições para abordar a temática racial⁴⁷. Já na década de 1980, com o êxodo de Mariel, onde muitos intelectuais e escritores deixaram o país, passou-se a considerar a existência de duas literaturas cubanas: a da

⁴⁵ Dois exemplos dessa característica são o testemunho *Biografía de un cimarrón* (1966) de Miguel Barnet e o romance *Los guerrilleros negros* (1979) de César Leante. Ambas as obras tratam sobre o negro *cimarrón* (quilombola), porém, ao inserir o tema na perspectiva do discurso da cultura nacional, são traçadas associações entre estes e a luta do revolucionário socialista para emancipar a nação. Inserindo-se dentro da perspectiva oficial de silêncio sobre a temática racial, essas obras não discutem questões como a desigualdade ou a experiência do negro na sociedade cubana do contexto contemporâneo (VALERO, 2011, p. 45-46).

⁴⁶ Existe certa divergência acerca de por quanto tempo durou o período de maior endurecimento no campo cultural da revolução. Intelectuais mais oficiosos, como Ambrósio Fornet, reconheceram nos anos 1980 a existência de um “*Quinquenio Gris*” (quinquênio cinza), compreendido entre o período de 1971 (ano do desfecho do “caso Padilla” e da realização do I Congresso Nacional de Educação e Cultura) e 1975 (ano do I Congresso do Partido Comunista de Cuba). Mas críticos como Pío Serrano contestam que o período de autoritarismo e dogmatismo cultural teria tido a brevidade de cinco anos. Segundo Serrano, o período se estenderia de 1971 a 1989 (MISKULIN, 2009, p. 236; VILLAÇA, 2010, p. 267).

⁴⁷ Fidel Castro explicitou, no discurso de encerramento do I Congresso Nacional de Educação e Cultura, que não seria mais tolerada a publicação de livros indesejáveis aos princípios da revolução, em referência a livros polêmicos premiados e publicados no final dos anos 1960 (MISKULIN, 2009, p. 233).



ilha e a do exílio⁴⁸. Assim, instaurou-se a polêmica de onde se encontrava a melhor produção literária, dentro ou fora de Cuba.

Após um período, no qual “la narrativa cubana había asumido un silencio casi absoluto en torno al tema afrocubano” (UXÓ, 2010, p. 195), eclodiu uma nova geração de narradores no final da década de 1980 denominada como os *novísimos*, que propôs uma reformulação estético-ideológica do campo literário. Seus autores eram a primeira geração de escritores nascidos a partir de 1959 e, portanto, estavam desprovidos daquilo o que Guevara denominou como o “pecado original” (os intelectuais e artistas que nasceram antes deste marco, não eram autenticamente revolucionários).

Contudo, os *novísimos* surgiram em um contexto de grande instabilidade, com reformas políticas e econômicas no socialismo, tanto no contexto soviético, onde ocorria a *perestroika* e a *glasnost*⁴⁹, quanto em Cuba, onde ocorria a retificação econômica. Envolvidos com tais vicissitudes, os autores utilizaram a literatura como testemunho deste cenário de transformações. Os principais temas explorados explanavam sobre a crise econômica, a crescente marginalidade, a sexualidade, a participação cubana na guerra de Angola e a criação literária.

A representação da mulata na literatura cubana a partir do período especial

A explosão editorial da nova geração literária dos *novísimos* ocorreu efetivamente na década de 1990, juntamente com o advento da crise do período especial. Neste contexto, ocorreu o desaparecimento dos produtos industrializados, majoritariamente importados da URSS, incluindo o papel. Com isto, houve um corte violento nas possibilidades de publicação dos escritores pela indústria estatal do livro⁵⁰. O racionamento de papel transformou o conto no principal gênero literário deste período.

⁴⁸ Escritores como Reinaldo Arenas, Carlos Victoria, Guillermo Rosales e os irmãos Juan e Nicolás Abreu imigraram para os Estados Unidos neste período e fundaram a revista *Mariel* em 1984, onde reuniram e visibilizaram as obras dos escritores exilados.

⁴⁹ As grandes reformas que ocorreram na URSS, denominadas *glasnost* e *perestroika* (promoção da abertura política e da reestruturação econômica) foram iniciadas por Mikhail Gorbachev em 1985.

⁵⁰ Até a década de 1980, existia uma importante indústria estatal do livro. Neste período, havia a produção anual de cerca de 4 mil títulos que representavam de 50 a 60 milhões de exemplares publicados anualmente, incluindo os livros escolares. A crise econômica deflagrou a escassez do papel que suspendeu a publicação de inúmeras



Inserida neste cenário de incertezas políticas, a narrativa dos novíssimos rompeu com a ênfase nas questões sociais e coletivas para focar o discurso na experiência cotidiana de indivíduos marginalizados. Os protagonistas das narrativas são, sobretudo, anti-heróis atormentados por conflitos existenciais. Sobretudo, essa nova geração abandonou o caráter moral ou didático explícito no contexto anterior.

Todavia, apesar de representarem uma significativa renovação na produção literária no aspecto temático, estilístico e no entendimento sobre o papel da literatura e do escritor, os novíssimos deram continuidade à tradição de propagar o silêncio e a invisibilidade da figura da população negra. E quando se trata de personagens de mulheres especificamente, a invisibilidade e as limitações para o protagonismo são ainda maiores⁵¹. Portanto, embora a população negra seja o grupo social mais afetado pela crise, ocupando majoritariamente os espaços marginalizados da sociedade, ironicamente negou-se nas narrativas dos novíssimos uma voz própria às personagens de mulheres e homens negros e mulatos (UXÓ, 2010).

E quando a população negra é representada nas narrativas contemporâneas, nota-se a atribuição de explícitos símbolos subalternos. Esta construção discursiva ocorre a partir de duas estruturas de alterização: a problematização (associação da população negra com o mundo do crime) e a sexualização de mulheres e homens negros. Tais vinculações não são questionadas, a fim de desconstruir referências preconceituosas que compõem o imaginário social, elas são simplesmente repetições dos esquemas e estereótipos apreendidos (UXÓ, 2010, p. 238). Fundamentados nas históricas representações da população negra na literatura cubana, constata-se em alguns casos até mesmo a intensificação do teor de violência simbólica que compõe as imagens construídas no contexto mais recente (UXÓ, 2010, p. 240).

Tanto as personagens de mulheres e homens negros e mulatos são alvos de estereótipos baseados na problematização e na sexualização, porém as personagens femininas são representadas essencialmente com signos de hipersexualidade. Foi mantida a representação das mulheres negras e mulatas com ênfase em descrições corpóreas (principalmente de áreas

revistas e livros no início da década de 1990. A produção editorial passou a demonstrar uma lenta recuperação a partir de 1996, mas, mesmo com a cooperação de instituições internacionais, chegou a índices de apenas 200 títulos novos, com 5 a 6 milhões de exemplares (STRAUSFELD, 2000, p. 11).

⁵¹ No artigo *Negras y mulatas en el siglo XXI: una visión racializada del género en novelas cubanas*, Uxó (2011) discute os aspectos atribuídos particularmente às mulheres. Dos 72 trabalhos analisados, somente 14 contavam com um protagonista negro, sendo que destes apenas 5 eram mulheres (8% do total).



consideradas erógenas), a atribuição de uma libido insaciável, além de sua recorrente associação com a prática do *jineterismo*⁵².

Dentre os inúmeros exemplos dessa conexão, encontra-se a obra *Palimpsesto* (2008) de José Antonio Martínez Coronel. A personagem-protagonista da trama é a mulata Angélica que atua como *jinetera*. Ela tem um relacionamento afetivo-sexual com José, um guia turístico branco. Durante toda a narrativa, Angélica rechaça a sua atuação como *jinetera*, mas é como se a sua condição de mulata restringisse as alternativas para além de seu “destino natural de imoralidade” e a atividade da prostituição.

Outro exemplo expressivo dessa representação é a obra *Maldita Danza* (2002) de Alexis Díaz-Pimienta, onde é narrada em primeira pessoa a história de uma mulata de quem o leitor não chega a conhecer o nome. Essa protagonista luta contra os estereótipos atribuídos as mulatas cubanas como “deusas do sexo e da dança”. Ela vive na Espanha há dois anos, onde realiza o curso de mestrado em musicologia. De modo crítico, a personagem opta por manter-se virgem (aos 25 anos de idade) e traça seu projeto de vida distanciado das representações imperantes sobre as mulatas, e afirma: “[S]eré mulata pero no buena amante, seré musicóloga pero no bailadora, seré joven pero no jinetera, seré cubana pero no disidente, seré Licenciada en Musicología, pero no Catedrática en Tropicología” (DÍAZ-PIMIEN TA *apud* UXÓ, 2011, p. 124). Mas logo no primeiro dia de seu retorno para La Habana, a protagonista conhece um turista (um jovem branco espanhol), com quem mantém relações sexuais no meio da rua, abandonando abruptamente o seu projeto de vida.

Assim, essas duas personagens da produção literária recente, tanto a musicóloga quanto Angélica, ocupam posições hierarquicamente subalternas, uma vez que ambas as narrativas afirmam a impossibilidade de as mulatas escaparem de um suposto “destino natural” associado à hipersexualidade e/ou a prostituição. As duas protagonistas revelam semelhanças com a

⁵² Carlos Uxó (2010, p. 241) aponta algumas das narrativas onde articula-se a vinculação de mulheres negras e mulatas com a prática do *jineterismo*: *Letanía del aire* (1997) de José Martínez Coronel; *Los heraldos negros* (1997) de Alberto Guerra; *Caza blanca* (1997) e *Hombre a todo* (1997) de David Mitrani; *Una ciudad, un pájaro una guagua...* (1997) e *La verticalidad de las cosas* (2002) de Ronaldo Menéndez.

trajetória da mais representativa de todas as personagens negras da história da narrativa cubana, a mulata Cecilia Valdés⁵³.

Apesar de a obra de Cirilo Villaverde ter sido publicada em 1882, ela ainda permanece atual no imaginário social cubano, promovendo inspirações para diversas obras artísticas⁵⁴ e até mesmo releituras no campo literário. Assim, a partir da proposta de reelaboração contemporânea do clássico Cecilia Valdés, houve a publicação de *Allegro de Habaneras* de Humberto Arenal em 2004. A obra narra a história de Cecilia Maria de Las Mercedes, uma mulata que atua como *jinetera* e se envolve com Joan Puig, musicólogo catalão que visita Cuba.

Destaca-se a subordinação, falta de agência e a hipersexualização da personagem de Cecilia Maria de Las Mercedes. A narrativa aponta que a protagonista “Vio su cuerpo desnudo en todo su esplendor lúbrico reflejado en el espejo y pensó una vez más que esta era un arma muy buena que la madre naturaleza y sus dioses le habían dado, y que ella sabía cómo usarla” (ARENAL, 2004, p. 186). Já que enquanto uma “fabulosa mulata” (p. 41), suas “armas no eran intelectuales, por supuesto” (ARENAL, 2004, p. 133).

Desta forma, torna-se evidente a recorrência da representação de mulatas baseadas na dicotomia mente/corpo. Além disso, a partir da personagem de Cecilia Maria de Las Mercedes se demonstra a continuidade dos estereótipos e a reafirmação, no começo do século XXI, do arquétipo que configurou a imagem da Cecilia do século XIX: beleza, sensualidade, luxúria, ascendência impura e falta de caráter. Nada obstante, esses signos extrapolam a constituição das protagonistas das obras de Villaverde e Arenal, essas características se assemelham a composição da figura de todas as personagens de mulatas mencionadas anteriormente. Isto revela, não somente a imortalidade da imagem de Cecilia Valdés⁵⁵, mas especialmente a

⁵³ A trama dessas duas narrativas (*Palimpsesto e Maldita Danza*) também nos remete ao livro *Mersé* (1926) de Soloni, discutido anteriormente.

⁵⁴ Foram produzidas releituras de Cecilia Valdés em diversos formatos como o cinema, zarzuela e teatro. A primeira versão cinematográfica da obra de Villaverde foi realizada pelo diretor canadense Jaime Sant-Andrews no ano de 1947, mas foi considerada muito precária tecnicamente. Já no contexto revolucionário, o filme *Cecilia* (1982) de Humberto Solás, num projeto grandioso com seis horas de duração em formato para a televisão e para o cinema, empreendeu uma releitura moderna e crítica do romance a partir da combinação entre mitologia, marxismo e história (VILLAÇA, 2010, p. 337). Além desses trabalhos, o recente longa-metragem *7 días en La Habana* (2012), composto por sete curtas-metragens (dirigido por sete diretores de diferentes nacionalidades, um para cada dia da semana), inclui *La tentación de Cecilia* do diretor espanhol Julio Medem.

⁵⁵ Além da manutenção da personagem Cecilia Valdés como símbolo representativo do arquétipo das mulheres negras na literatura, como mulata sedutora e hipersexualizada, na vida cotidiana atualmente ocorre o que popularmente se denomina como *Síndrome de Cecilia Valdés*, em referência a mulheres negras e mulatas que buscam “adelantar la raza” através do casamento com homens brancos, assim como a protagonista da obra.

permanência das hierarquias de gênero e raça que configuram a representação das mulatas no imaginário social cubano.

Considerações finais

A construção e os usos políticos da figura das mulatas no decorrer da história da sociedade cubana pela elite e os diferentes governos, evidenciam que tal manipulação esteve intrinsecamente ligada aos três aspectos definidos por Glissant (2010) como sinônimo da história do Caribe – luta de classes, construção da nação e definição da identidade nacional.

A partir de discursos ambíguos, baseados em sentimentos contraditórios de desejo e repulsa, a mulata ocupou historicamente uma posição subalterna no imaginário social cubano. Esta posição foi demonstrada na produção literária por meio da lógica da invisibilidade ou da constituição de representações hipersexualizadas. Contudo, com a formulação de histórias com enredos fatalistas, onde as personagens são incapazes de fugir de um suposto destino natural como prostitutas/*jineteras*, fica evidente que, mesmo quando as mulatas compõem as narrativas, a lógica da invisibilidade e do silenciamento não é superada, uma vez que as representações estão fundamentadas em esquemas binários estereotipados e limitadores.

As obras literárias mencionadas indicam que o contexto da crise econômica, quando a maioria dos cubanos teve que criar estratégias para subsistir e muitos recorreram inclusive a práticas ilícitas, fez reacender no imaginário social a associação da figura das mulatas com a prática da prostituição. Contudo, tais representações hierárquicas não surgiram a partir do período especial. Este momento político intensificou tensões que já compunham o imaginário, algo característico dos cenários de crise. Até porque, os estereótipos raciais existentes antes de 1959 não foram diretamente combatidos durante as três primeiras décadas da revolução, uma vez que o governo optou por instaurar um silêncio sobre o tema racial. E a partir dos anos 1990, o próprio governo passou a manipular discursivamente representações sexualizadas da figura das mulatas para atrair o turismo internacional.

Referências bibliográficas



Revista Eletrônica da ANPHLAC, ISSN 1679-1061, Nº. 21, p. 90-124, Jul./Dez., 2016.
<http://revista.anphlac.org.br>

ABREU, Alberto Arcia. *Los juegos de la Escritura o la (re)escritura de la Historia*. La Habana: Fondo Editorial Casa de las Américas, 2007.

ALCÁZAR, Ana Campos. Turismo sexual, jineterismo, turismo de romance. Fronteras difusas en la interacción con el otro en Cuba. *Gazeta de Antropología*, n. 25/1 - 2009, p.1-18. Disponível em: http://www.ugr.es/~pwlac/G25_16Ana_Alcazar_Campos.pdf Acesso: abr/2012.

ÁLVAREZ, Inmaculada. El discurso sexual como valor de identidad nacional de lo cubano. *Revista de Humanidades*, Monterrey, n. 14, 2003, p. 13-35.

ARENAL, Humberto. *Allegro de habaneras*. La Habana: Letras Cubanas, 2004.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero. (org.) *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, v. 5, p. 296-332, 1985.

BARCIA, María del Carmen Zequeira. Un modelo de inmigración 'favorecida': el traslado masivo de españoles a Cuba (1880-1930). *Revista Catauro*, La Habana, año 2, n. 4, p. 16-59, 2001.

BEHAR, Sonia. *La caída del hombre nuevo*. Narrativa cubana del periodo especial. Miami, Florida Internacional University, 2007.

BENÍTEZ-ROJO Antonio. El Caribe y la conexión afroatlántica. In: BENEMELIS, Juan (editor). *La memoria y el olvido*. El discurso afro-cubano. Kingston, Ediciones Ceiba, p. 35-42, 2009.

BLANCO, Melissa. El ritmo del azúcar. Una epistemología de la mulata cubana. In: OCHOA, Maria Luisa Fernández. *¡Ay, qué rico! El sexo en la cultura y la literatura cubana*. Valencia: Advana Vieja, 2º edición, p. 83-94, 2006.

BOBES, Velia Cecilia. Las mujeres cubanas ante el período especial: ajustes y cambios. *Debate Feminista*, México D.F., v. 12, nº 23, p. 67-96, 2001.

CASTRO, Fidel. *O homem novo e a nova mulher em Cuba*. São Paulo: Global, 1979.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Lisboa: Difel, 1988.

CEPERO, Raúl Bonilla. Azúcar y abolición. Editorial de Ciencias Sociales, La Habana, 1971. *Revista Catauro*, La Habana, año 6, n. 11, p.148-157, 2005.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.



DE LA FUENTE, Alejandro. *Una nación para todos*. Raza, desigualdad y política en Cuba 1900-2000. Madrid: Editorial Colibrí, 2001.

DÍAZ, Teresa Canals; GONZÁLEZ, Graciela Olmedo. Cultura y prostitución: una solución posible. Barcelona, *Papers - Revista de Sociología*, n. 52, 1997, p. 167-175.

ELIZALDE, Rosa Miriam. *Flores desechables ¿Prostitución en Cuba?* La Habana: Abril, 1996.

FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*. Salvador: Edufba, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo, Edições Loyola, 5ª edição, 1999.

GARCÍA, Alisa. Nociones de honor, género y raza: La regulación del cuerpo femenino en Cuba en los contextos históricos coloniales y neocoloniales. *Revista Sexología y Sociedad*. La Habana, año 15, n. 41, 2009. Disponível em: www.cenesex.sld.cu/webs/honor.htm Acesso em: 10 dez. 2009.

GOTT, Richard. *Cuba*. Uma nova história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GUILLÉN, Nicolás. *Sôngoro Cosongo e outros poemas*. Rio de Janeiro: Itatiaia, 2005.

GUEVARA, Che. *Socialismo e juventude*. Textos e fotos. São Paulo: Anita Garibaldi, 2005.

GUILLARD, Norma. La mujer negra, su representación gráfica y los estereotipos en la publicidad. *Revista Panorama da Realidade Cubana: UNB*, v. II, 2004. Disponível em: <http://vsites.unb.br/ceam/nescuba/artigos/pano221.htm> Acesso em: 7 fev. 2006.

GLISSANT, Édouard. *El discurso antillano*. La Habana, Casa de las Américas, 2010.

HOLGADO, Isabel Fernández. *¡No es fácil! Mujeres cubanas y la crisis revolucionaria*. Barcelona, Icaria, 2002.

hooks, bell. Intelectuais negras. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, ano 3, p. 464-478, 2º sem. 1995.

_____. Vendiendo bollitos calientes. Representaciones de la sexualidad femenina negra. *Revista Criterios*, La Habana, n. 34, p. 29-49, 2003.

KNEESE, Tamara. La mulata: Cuba's national symbol. *Cuba in transition*, Miami, v. 15, p. 444-452, 2005.

LECLERCQ, Cécile. El lagarto en busca de una identidad. Cuba: identidad nacional y mestizaje. Madrid: Iberoamericana, 2004.



MARTÍ, José. Mi raza. Disponível em: http://www.analitica.com/Bitblbio/jmarti/mi_raza.asp
Acesso em: jan. 2008.

MARTÍNEZ CORONEL, José A. Palimpsesto. La Habana: Unicornio, 2008.

MENA, Luz. Raza, género y espacio: Las mujeres negras y mulatas negocian su lugar en La Habana durante la década de 1830. *Revista de Estudios Sociales*. Bogotá, nº 26, p. 73-85, 2007.

MESA-LAGO, Carmelo. A economia cubana no início do século XXI: avaliação do desempenho e debate sobre o futuro. Campinas, *Opinião Pública*. Vol. IX, nº 1, p. 190-223, 2003.

MISKULIN, Silvia César. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução 1961-1975*. São Paulo: Alameda, 2009.

MOLYNEUX, Maxine. *Movimientos de mujeres en América Latina*. Estudio teórico comparado. Madrid: Ediciones Cátedra, 2003.

MORALES, Esteban. *Desafíos de la problemática racial en Cuba*. Habana: Fundación Fernando Ortiz, 2007.

OLONDO, Almudena. Economía sumergida, prostitución emergente. In: OCHOA, Maria Luisa Fernández. *¡Ay, qué rico! El sexo en la cultura y la literatura cubana*. Valencia: Advana Vieja, 2º edición, p. 147-168, 2006.

ORTÍZ, Fernando. Los factores humanos de la cubanidad. In: HERNÁNDEZ, Rafael; ROJAS, Rafael. *Ensayo cubano del siglo XX*. México (D. F.): Fondo de Cultura Económica, p. 74-99, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*, vol. 15, nº. 29, São Paulo: ANPUH; Contexto, p. 9-27, 1995.

_____. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autentica, 2008, 2ºed.

ROJAS, Rafael. *El estante vacío*. Literatura y política en Cuba. Barcelona: Anagrama, 2009.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul-dez., p. 71-99, 1995.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SIERRA, Abel Madero. *Del otro lado del espejo*. La sexualidad en la construcción de la nación cubana. La Habana: Casa de las Américas, 2006.



STOLCKE, Verena. Mulheres invadidas: sexo, raça e classe na formação da sociedade colonial. *Estudos Afro-Asiáticos*. Rio de Janeiro, n. 21, p. 61-73, 1991.

_____. O enigma das intersecções: classe, “raça”, sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. *Estudos Feministas*. Florianópolis, 14(1): 336, janeiro-abril/2006, p. 15-42.

STRAUSFELD, Michi (comp.). *Novos narradores cubanos*. Madrid: Siruela, 2000.

UXÓ, Carlos. *Representaciones del personaje del negro en la narrativa cubana*. Una perspectiva desde los estudios subalternos, Madrid: Verbum, 2010.

_____. Negras y mulatas en el siglo XXI: una visión racializada del género en novelas cubanas. *Revista Brasileira do Caribe*. São Luis, vol. XI, nº 23, jul-dez, p. 117-140, 2011.

VALERO, Silvia María. *La representación literaria del “negro” en la Cuba de entre-siglos: Eliseo Altunaga y Marta Rojas (1990-2005)*. Université de Montréal, (Études Supérieures et Postdoctorales), 2011.

VILLAÇA, Mariana. *Cinema cubano*. Revolução e política cultural. São Paulo: Alameda, 2010.

VILLAVARDE, Cirilo. *Cecilia Valdés*. La Habana: Letras Cubanas, 2008.

WIEVIORKA, Michel. *O racismo*, uma introdução. São Paulo: Perspectiva. 2007.

ZURBANO, Roberto. El Triángulo invisible del siglo XX cubano: raza, literatura y nación. *Revista Temas*. La Habana, n. 46 p. 111-123, 2006.

